

"OAJIATAA"

18 M

87 sub M C

Ed. SA. M. M. M. M.

187 M

22.2.4

# GOVÉRNO E POVO

11/5/66 Rubem Braga

**D**ISSE o senador Robert Kennedy uma série de coisas sôbre a América Latina e o Brasil que não chegam a ser novidades, mas que não estamos muito acostumados a ouvir de bôca de americano. Bôca de russo é que costuma repetir essas coisas: que a terra precisa ser redistribuída, pois os trabalhadores rurais não têm nem o interesse nem os meios necessários para aumentar a produção; que é preciso dar a terra a quem trabalha; que o nosso Congresso representa mal o nosso povo, e nêle têm péso muito grande os interesses estabelecidos; que estão no poder aqueles que consideram que a estabilidade pode ser mantida e o comunismo derrotado pela força; aqueles que acreditam poder adiar por mais um século as esperanças alimentadas há 300 anos... Bob Kennedy disse ainda que há uma grande revolução em marcha, e que ela é inevitável.

Essa revolução a que se refere o senador americano não é, certamente, a que se fez aqui no Brasil a 31 de março de 1964. Que foi, para parafrasear uma pitoresca e ilógica expressão, apenas um movimento de retôrno aos privilégios sociais vigentes, o que é como quem diz, uma volta a cada vez mais no mesmo.

É pena que o senador não tenha dito nada sôbre a submissão da política econômica de certos países da América do Sul aos interesses de grandes firmas estrangeiras; mas isso também já seria pedir muito a um senador norte-americano...

O que Bob Kennedy vislumbra é uma democracia efetiva, de governos populares capazes de se opor a privilégios e destruir oligarquias. Ora, estamos cada vez mais longe disso; cada vez mais longe, o que é pior, de qualquer tipo de democracia. Nece-se não mais apenas aos analfabetos, mas a todo o povo, o direito de eleger seu governo. Teremos um presidente da República eleito por um Congresso mutilado, de fim de mandato, a que os eleitores não deram poder para eleger ninguém. Tôdas as franquias democráticas estão suspensas por um Ato Institucional, que praticamente anula a Constituição em tudo o que ela tem de democrático.

Um general vai suceder a outro. Ninguém sabe quais são as idéias desse que vem por aí, ou melhor, só se lhe conhece uma idéia fixa: que é a de ser presidente da República; e o general no poder faz um governo tão acintosamente antipular que já todo mundo se impacienta com sua permanência — um governo sem fé, sem esperança e sem caridade.

«Venha outro, seja quem for!» — é o que pensa obscuramente o povo, achando que pior não conseguirá ser, no que talvez se engane...

Ou não.

Ob